

Gonçalo Elias e José Frade

# AVES DE PORTUGAL CONTINENTAL

Guia Fotográfico



ARENA

# ÍNDICE

6	<b>AGRADECIMENTOS</b>
9	<b>PREFÁCIO</b>
15	<b>INTRODUÇÃO</b>
16	PORQUÊ UM GUIA FOTOGRÁFICO?
16	COMO USAR ESTE GUIA
18	MAPAS DE DISTRIBUIÇÃO
21	FOTOGRAFIAS DAS AVES
21	TAXONOMIA E NOMENCLATURA
22	COMO IDENTIFICAR AS AVES
24	TOPOGRAFIA DAS AVES
26	ONDE PROCURAR AVES SELVAGENS
29	<b>ANSERIFORMES</b>
49	<b>GALLIFORMES</b>
53	<b>CAPRIMULGIFORMES</b>
57	<b>APODIFORMES</b>
63	<b>OTIDIFORMES</b>
67	<b>CUCULIFORMES</b>
71	<b>PTEROCLIFORMES</b>
75	<b>COLUMBIFORMES</b>
83	<b>GRUIFORMES</b>
91	<b>PODICIPEDIFORMES</b>
97	<b>PHOENICOPTERIFORMES</b>
101	<b>CHARADRIIFORMES</b>

167	<b>GAVIIFORMES</b>
171	<b>PROCELLARIIFORMES</b>
183	<b>CICONIIFORMES</b>
187	<b>SULIFORMES</b>
193	<b>PELECANIFORMES</b>
207	<b>ACCIPITRIFORMES</b>
229	<b>STRIGIFORMES</b>
239	<b>BUCEROTIFORMES</b>
243	<b>CORACIIFORMES</b>
249	<b>PICIFORMES</b>
255	<b>FALCONIFORMES</b>
263	<b>PSITTACIFORMES</b>
267	<b>PASSERIFORMES</b>
387	<b>RARIDADES</b>
431	<b><i>LINKS ÚTEIS</i></b>
432	<b>LISTA DE CONTROLO DAS ESPÉCIES OBSERVADAS</b>
436	<b><i>INDEX OF ENGLISH NAMES</i></b>
440	<b>ÍNDICE REMISSIVO DE NOMES PORTUGUESES E CIENTÍFICOS</b>

# PREFÁCIO

Brevíssimas notas sobre a representação gráfica de aves

9

*São necessárias apenas quatro coisas — uma consciência escrupulosa, paciência ilimitada, um caderno e um binóculo de ópera. O caderno permite anotar os aspectos que o binóculo de ópera traz à vista, e através dos quais a ave pode ser encontrada nas chaves; a paciência leva a ouvidos e olhos treinados, e a consciência evita conclusões precipitadas e registos duvidosos.*

**Florence A. Merriam, *Birds of village and field*, 1898**

## PREFÁCIO

Desde cedo, o Homem procurou identificar e representar graficamente as aves.

Não sendo o autor um especialista em História da Arte, mas um mero observador de aves, serviu-se de alguns exemplos para fazer uma reflexão sobre o percurso que permitiu chegar da pintura rupestre às próximas páginas deste novo guia fotográfico de aves da autoria de Gonçalo Elias (texto) e José Frade (fotografias).

Datadas da Pré-História, foram encontradas diversas pinturas rupestres com a representação de aves, como a Lapa dos Gaiões, em Arronches, ou a clássica Caverna de Tajo de las Figuras, em Cádiz. Durante a ocupação romana, surgem os mosaicos de Conímbriga, nos quais se destaca a representação do Caimão (*Porphyrio porphyrio*). Na Idade Média, o *Livro das Aves* (1148), do Mosteiro de Lorvão, representa 25 espécies, embora não com objectivos ornitológicos, mas religiosos.

Entre os séculos XVIII e XX, surgiram listagens de aves de Portugal, algumas com ilustrações muito rudimentares.

As aves eram particularmente difíceis de observar e, portanto, de desenhar, pelo seu movimento constante e dificuldade de aproximação, ao contrário das plantas de que havia já bons livros, com excelentes ilustrações.

Dadas essas dificuldades, os primeiros ornitólogos procediam à captura e conservação das aves, não sendo, assim, estranha a afirmação do pastor protestante, Alfred Charles Smith, porventura a primeira pessoa a fazer turismo ornitológico em Portugal, presente no seu livro sobre a viagem (1868) de que «... carregava uma espingarda, um par de binóculos e todos os utensílios necessários a um ornitólogo, para obter e preservar espécimes de aves, ele [o pai] levou a sua câmara e tudo aquilo de que um fotógrafo precisa.»

A invenção do binóculo (século XVII) e a sua difusão (século XIX) foram decisivas para a observação das aves, bem como para a sua célere representação gráfica.

## PREFÁCIO

Não é por acaso que o primeiro guia de campo a surgir na América do Norte, sustentado por observações de campo e não apenas por animais embalsamados, publicado em 1890, por Florence A. Merriam, teve o título *Birds Through an Opera-glass* (Aves através de um binóculo de ópera) e nele foram descritas 70 espécies comuns. Este livro é considerado o primeiro guia ilustrado moderno de aves.

Muitos outros guias de aves se seguiriam, aparecendo mesmo o conceito de «guia de campo», quando o formato era pequeno. Todavia, a grande evolução ocorre em 1934, quando Roger Tory Peterson publica *A Field Guide to the Birds of Eastern and Central North America*, introduzindo páginas de extratexto com pinturas de espécies semelhantes, marcando com pequenos traços as respectivas diferenças, tendo ficado conhecido como o «Sistema de Identificação de Peterson», que passou a ser muito usado, tanto em guias de aves, como de outros grupos.

Em 1954, Peterson publicou *A Field Guide to the Birds of Britain and Europe* com a colaboração dos ornitólogos britânicos Guy Mountfort e Philip Arthur Dominic Hollom, imediatamente traduzido para francês e publicado na Suíça, com adaptação de Paul Géroutet, editor da revista suíça *Nos Oiseaux*.

Esta versão francesa, na sua terceira edição (1962), foi o meu primeiro guia de aves, que ainda guardo com carinho, adquirido na Livraria Bertrand, no Porto, quando raramente ali apareciam livros sobre aves.

Também em Portugal começaram a aparecer livros ilustrados, sempre traduzidos (por vezes, mal...), e um primeiro guia de campo português, *Aves de Rapina de Portugal (Sua Utilidade — Identificação no Campo)*, de João Bugalho, com desenhos do autor, editado em 1970 pelos Serviços Florestais.

Todavia, continuávamos com guias com desenhos e aguarelas de aves.

## PREFÁCIO

Foi preciso aguardar pela difusão da fotografia, a partir do século XIX, e chegarmos, em 1888, à primeira, e caríssima, câmara *Kodak*, para começarem a surgir livros com fotografias de aves, muitas delas captadas em cativeiro, dada a inexistência das teleobjectivas modernas, junto de ninhos, embalsamadas e colocadas em ambiente natural, ou fotografadas em cercados naturalistas. É o caso da *Encyclopédie par l'Image: Les Oiseaux*, de Maurice Boubier, primeira edição, de 1927, traduzida e editada em Portugal, em 1930, pela Livraria Chardron — Lello & Irmão, Porto.

Em Portugal, nos anos 30 do século XX, surgiu um dos primeiros (senão o primeiro) fotógrafos da Natureza, o engenheiro Ludwig Wagner, que se estabeleceu no Porto. Tirou milhares de fotografias de natureza, paisagem e etnografia e acompanhou José Maria d'Eça de Queiroz (neto do escritor Eça de Queiroz) numa expedição a Angola e a Moçambique, que deu origem a um livro sobre a Gorongosa, com fotografias a cores, intitulado *Santuário Bravio* (1964).

Alguns dos fotógrafos ingleses mais conhecidos vieram a Portugal para captar imagens das espécies mediterrânicas que não tinham no seu país. Em 1963, visitou-nos o médico e fotógrafo inglês, Maurice Derrick England, com o objectivo de captar as primeiras imagens do Peneireiro-cinzento, o que conseguiu, tendo fotografado um ninho em Figueira de Castelo Rodrigo, e cujas imagens publicou na revista inglesa *British Birds*.

Em 1975, começa uma nova era na fotografia, quando Steve Sasson, da Kodak, desenvolve a câmara fotográfica digital, arruando a fotografia analógica. A primeira câmara digital a ser comercializada, em 1990, foi a *Kodak DCS 100*, era muito cara, e, por isso, não teve grande difusão.

Seria a partir do ano 2000 que as máquinas digitais venceriam por completo as máquinas analógicas, inaugurando definitivamente a nova era da fotografia, nomeadamente da fotografia

## PREFÁCIO

da vida selvagem, surgindo em Portugal muitos e excelentes fotógrafos, como o demonstra o livro *Aves de Portugal* (2015), ilustrado com fotografias captadas por 65 membros do grupo do Facebook «Aves de Portugal Continental».

Se esse livro de 2015 e o próprio grupo do Facebook não fossem suficientes para consagrar esta nova fase da fotografia, temos agora o livro *Aves de Portugal Continental — Guia Fotográfico*, de Gonçalo Elias e José Frade, que pode ser considerado o primeiro guia de campo totalmente ilustrado com fotografias e complementado com mapas com a distribuição de cada espécie pelo território continental português, com um nível de pormenor que não era habitual em guias.

Como é bom de ver, nesta breve síntese usamos exemplos aleatórios e não referimos as centenas de obras publicadas em Portugal sobre Ornitologia, por redundância, pois já constam da exaustiva bibliografia anexa ao livro *Aves de Portugal. Ornitologia do Território Continental* (Catry, Costa, Elias & Matias, 2010, Assírio e Alvim).

Foi nosso objetivo registar o percurso de dez mil anos, da pintura rupestre ao digital!

NUNO GOMES OLIVEIRA



# PREFÁCIO

## BREVE CRONOLOGIA DA ILUSTRAÇÃO ORNITOLÓGICA



**10 000 a 3000 anos a. C.**  
Caverna de Tajo  
de las Figuras, (Cádiz).  
Reprodução de pinturas  
rupestres



**30 anos a. C.**  
Mosaicos de Conimbriga  
Caimão  
(*Porphyrio porphyrio*)



**1148**  
*Livro das Aves*,  
Mosteiro de Lorvão  
(Penacova, Coimbra)



**1890**  
Florence A. Merriam  
*Birds Through an Opera-glass*  
(Aves através de um  
binóculo de ópera)



**1927**  
Maurice Boubier  
*Encyclopédie par l'image:  
Les oiseaux*



**1954**  
Roger Tory Peterson  
*Field guide to the birds  
of Britain and Europe*



**1957**  
Ludwig Wagner  
Ninho de Águia-real,  
*Aquila chrysaetos*, nas Figsas  
do Ermelo, Alvão



**1964**  
Maurice Derrick England  
*British Birds*  
Peneireiro-cinzento,  
*Elanus caeruleus*  
Figueira de Castelo Rodrigo



**1970**  
João Bugalho  
*Aves de Rapina de Portugal*  
(*Sua utilidade — Identificação  
no campo*)



**1994**  
Kevin Carlson e Christine  
Carlson  
*A Birdwatching Guide  
to the Algarve*



**2015**  
Membros do grupo  
do Facebook  
*Aves de Portugal Continental*



**2022**  
Gonçalo Elias e José Frade  
*Aves de Portugal Continental*  
— *Guia fotográfico*  
O primeiro guia português  
com fotografias

# PORQUÊ UM GUIA FOTOGRAFICO?

Até hoje, Portugal ainda não dispunha de um guia com estas características, tendo os autores deste livro abraçado o desafio de produzir o primeiro guia fotográfico para identificação das aves que podem ser observadas no nosso país.

Este guia abrange o território de Portugal Continental, bem como a zona marinha adjacente até cerca de 100 milhas náuticas da linha de costa, incluindo assim diversas ilhas e ilhéus que existem ao largo da costa portuguesa.

As regiões autónomas dos Açores e da Madeira não foram incluídas, uma vez que a avifauna destas regiões é consideravelmente diferente da que encontramos no continente.

16

## COMO USAR ESTE GUIA

Este livro é, no essencial, um guia de identificação e tem como objectivo ajudar os leitores a fazer a correcta identificação das várias espécies de aves que ocorrem no nosso país.

Em Portugal Continental já foram registadas 466 espécies de aves selvagens, das quais 294 são regulares e as outras 172 são raras.

As 294 espécies de aves de ocorrência regular compõem a parte mais importante deste livro. Para cada uma destas espécies é incluída uma ficha, com a extensão de uma página, que inclui os seguintes elementos:

- três fotografias (em alguns casos apenas duas), ilustrando diferentes plumagens, idades ou atitudes;

## INTRODUÇÃO

- um mapa de distribuição, conforme é explicado na secção seguinte;
- um texto explicativo, no qual são indicadas as biometrias da ave, nomeadamente comprimento (C.) e envergadura (ENV.), o estatuto e a abundância no território continental, um parágrafo sobre a identificação, no qual se descrevem as características mais importantes a ter em conta para a identificação da espécie e, por fim, um parágrafo designado «*Habitat* e distribuição», no qual estão indicados os tipos de *habitat* preferidos da espécie em análise, assim como as regiões do país onde mais facilmente pode ser encontrada.

Relativamente às outras 172 espécies, trata-se de aves cujo aparecimento no nosso país é irregular ou mesmo acidental, uma vez que Portugal não faz parte da área normal de distribuição destas espécies. Por este motivo, elas são consideradas raridades, estando os seus registos sujeitos a homologação por um grupo de especialistas. Estas aves são apresentadas num anexo, denominado «Raridades», sendo a informação sobre elas apresentada de forma mais sintética — apenas foi incluída uma fotografia por espécie (quando possível), não têm mapa de distribuição e o texto, mais curto, sintetiza a informação conhecida sobre a ocorrência dessa espécie no nosso país.

No final do guia, encontra-se uma lista de controlo, que contém a relação de todas as espécies já observadas em Portugal Continental, por ordem taxonómica. Esta lista pode ser usada para assinalar as espécies que já observou em liberdade.

Apresentam-se também dois índices remissivos: um com os nomes comuns em inglês (destinados a ajudar quem não conheça os nomes portugueses ou científicos a encontrar as fichas das aves que procura), outro com o nome científico e em português.

# MAPAS DE DISTRIBUIÇÃO

As fichas das várias espécies de aves incluem um mapa de distribuição, no qual se representa a área normal de ocorrência de cada espécie.

Este mapa corresponde ao território de Portugal Continental e nele foram traçados os limites distritais, de modo a tornar mais fácil a percepção das regiões do país em que cada espécie ocorre.

Os mapas de cada espécie foram preenchidos com manchas coloridas, que representam o estatuto dessa espécie nas diferentes regiões do país. As manchas foram desenhadas com base na informação conhecida e disponível sobre a situação de cada espécie nas diversas regiões.

A interpretação dos mapas de distribuição é feita com recurso ao seguinte código de cores:

COR	ESTATUTO	SIGNIFICADO
<b>VERDE</b>	Residente	A espécie pode ser observada ao longo de todo o ciclo anual, mesmo que não se reproduza na área.
<b>AZUL</b>	Invernante	A espécie é migradora e aparece na região durante a estação fria, podendo ser vista sobretudo no Outono e no Inverno.
<b>COR DE LARANJA</b>	Estival	A espécie é migradora e visita a região durante a Primavera e o Verão, na maioria dos casos para se reproduzir, mas está ausente nos meses mais frios.
<b>AMARELO</b>	Migradora de passagem	A espécie surge essencialmente em passagem durante as suas migrações, na Primavera e no Outono.
<b>BRANCO</b>	Ausente ou acidental	A espécie não ocorre habitualmente na região, mas pode haver registos isolados.

## INTRODUÇÃO

Para cada espécie, é indicado, no texto, o seu estatuto no território nacional. Nalguns casos, aplica-se mais que um estatuto, pois este varia consoante as regiões. O mapa apresentado ao lado ilustra um desses casos em que a espécie tem mais de um estatuto em Portugal.

No caso de espécies que são visitantes estivais no norte do território, mas que no sul são residentes e podem ser vistas durante todo o ano, usou-se no texto a expressão «migrador parcial», de modo a salientar o facto de apenas uma parte da população ser migradora. No texto de cada espécie, é dada informação complementar, quando necessário.

Note-se que, para certas áreas do país, em especial nas zonas de difícil acesso ou menor densidade populacional, há pouca informação disponível sobre as aves que aí ocorrem, o que dificulta a determinação dos estatutos de algumas espécies pouco abundantes. Assim, a representação das áreas de distribuição das espécies deve ser entendida como uma aproximação e não como uma delimitação rigorosa.

# FOTOGRAFIAS DAS AVES

Este guia compreende mais de mil fotografias que são, na sua maioria, da autoria de José Frade.

Foram incluídas cerca de 170 fotografias de outros autores, que gentilmente nos cederam as suas imagens para ilustrar este trabalho. Em todos esses casos, o nome do autor da fotografia encontra-se referido junto à mesma, sob a forma de legenda. Os nomes das pessoas que contribuíram com fotografias encontram-se referidos na secção «Agradecimentos».

## TAXONOMIA E NOMENCLATURA

Designa-se por taxonomia o ramo da ciência que se dedica à classificação dos seres vivos. O sistema em uso foi inventado pelo naturalista sueco, Carl Linnaeus, no século XVIII. Embora seja actualmente de uso universal, existem diferenças de abordagem entre as várias autoridades, o que leva a que, nalguns casos, um mesmo organismo seja classificado de formas distintas.

O guia fotográfico que aqui apresentamos segue a taxonomia adoptada pelo IOC — International Ornithologists' Union —, na sua versão 11.2, e que pode ser consultada em [worldbirdnames.org](http://worldbirdnames.org). Significa isto que é atribuído o estatuto de espécie quando ele é reconhecido pelo IOC. Assim, os nomes científicos apresentados no guia correspondem às designações consideradas por esta entidade.

A sequência de apresentação das espécies no guia segue, de forma aproximada, a referida taxonomia, tendo, contudo, sido feitos

pequenos ajustes na sequência por razões práticas — concretamente, procurou-se que as espécies muito semelhantes entre si fossem colocadas uma ao lado da outra, de modo a facilitar a comparação entre elas.

No que diz respeito aos nomes vernáculos das aves, também foi necessário fazer escolhas, pois muitas espécies têm, em Portugal, mais que um nome comum, e verifica-se com frequência que diferentes trabalhos usam diferentes terminologias. A designação apresentada neste guia reflecte a preferência pessoal dos autores, privilegiando nomes já usados na bibliografia e procurando manter uma linha coerente.

# COMO IDENTIFICAR AS AVES

22

Para identificar correctamente as aves é necessário atender a uma variedade de pormenores. Seguidamente, referem-se alguns aspectos que são geralmente relevantes para se chegar a uma boa identificação.

— **Tamanho** — é talvez o primeiro aspecto a ter em conta. Para quem não tem muita experiência na avaliação do tamanho, uma boa técnica consiste em comparar a dimensão de uma espécie com outra mais conhecida (por exemplo, o pardal, o melro, o pombo, a gralha ou a cegonha); por forma a facilitar estas comparações, o guia inclui dados quantitativos em todas as fichas de espécies, tanto de comprimento (medido da ponta do bico à ponta da cauda), como de envergadura (distância entre as duas extremidades das asas quando abertas);

## INTRODUÇÃO

— **Bico** — é uma indicação muito útil que nos ajuda a perceber de que tipo de ave se trata; por exemplo, as aves de rapina têm um bico curto e adunco, as granívoras têm um bico espesso e triangular, as insectívoras têm um bico fino, as limícolas apresentam um bico estreito e comprido, o colhereiro (uma ave pernalta) tem um bico em forma de espátula. O reconhecimento da forma do bico permite, em muitos casos, fazer uma identificação ao nível da espécie;

— **Plumagem** — a observação das cores e da forma das penas é igualmente útil para chegar a uma boa identificação, pois há muitas espécies parecidas e cuja distinção visual apenas é possível se conseguirmos observar determinados pormenores da plumagem. Além disso, a plumagem é muitas vezes útil para determinar a idade das aves, pois o padrão de cores vai variando ao longo da vida. Veja-se a secção «Topografia das Aves» para uma descrição mais detalhada da plumagem;

— **Vocalizações** — o reconhecimento dos sons das aves constitui um auxiliar precioso para a sua detecção e identificação. Por manifesta limitação de espaço, este guia não desenvolve a parte da identificação auditiva, embora nalguns casos sejam feitas breves menções às vocalizações emitidas por determinadas espécies. Refira-se, contudo, a existência no mercado de diferentes colectâneas de gravações, que exploram com maior profundidade a componente auditiva.



# TOPOGRAFIA DAS AVES

Os textos que compõem este guia contêm inúmeras referências às diversas partes do corpo das aves e, em particular, a determinados grupos de penas. A terminologia adoptada está em linha com a que é habitualmente usada neste tipo de descrições.

A fim de ajudar os nossos leitores a identificar mais facilmente a que parte do corpo ou da plumagem corresponde uma determinada designação, apresentamos aqui três fotografias de aves, devidamente legendadas: a primeira é de uma ave pousada (Figura 1), a segunda é de uma ave em voo (Figura 2) e, por fim, apresentamos um pormenor da cabeça de uma ave (Figura 3).

24

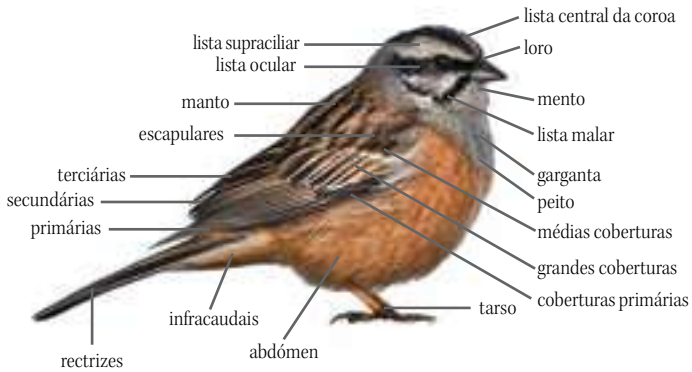


Figura 1 — Cia vista de perfil, com indicação das diversas penas e outras partes do corpo

# ONDE PROCURAR AVES SELVAGENS

Quem se inicia na observação de aves depara-se com uma dificuldade: onde procurar as aves para as poder observar e fotografar?

A resposta breve é: em qualquer lado. De facto, é possível encontrar aves selvagens em qualquer local e em qualquer tipo de *habitat*. Assim, a quem está a dar os primeiros passos, sugere-se que comece por procurar nas imediações da sua residência. Em geral, os locais com vegetação bem desenvolvida atraem mais espécies, por isso, vale a pena fazer a prospecção de parques e jardins, onde normalmente é possível encontrar uma boa variedade.

Uma vez explorados os locais mais próximos, pode valer a pena alargar o perímetro de observação e prospectar outros *habitats*. De uma forma geral, se forem visitados *habitats* diferentes, aumentam as hipóteses de encontrar novas espécies. Entre os principais habitats que vale a pena visitar incluem-se: parques e jardins, bosques e florestas, campos e outros terrenos agrícolas, serras e escarpas, lagoas e albufeiras, estuários e margens de rios, praias, e, por fim, o mar aberto.

Adicionalmente, é necessário ter em atenção que muitas espécies ocorrem apenas numa parte do país. Algumas observam-se apenas no Norte, ao passo que outras são exclusivas do Sul; certas espécies só aparecem na orla costeira, enquanto outras preferem o interior. Para ter contacto com todas as espécies, é necessário visitar as diferentes regiões do país, das praias à faixa raiana e das serras nortenhas às planícies do Sul.

Outro aspecto a ter em conta é o facto de muitas espécies serem migradoras e só poderem ser observadas numa determinada

## INTRODUÇÃO

época do ano. Assim, por exemplo, as andorinhas-das-chaminés e os abelharucos podem ser vistos na Primavera e no Verão, ao passo que as marrequinhas e as petinhas-dos-prados aparecem no Outono e no Inverno. Depois, existem espécies, como o melro-preto ou o pintassilgo, que estão presentes ao longo de todo o ano. Sempre que lhe parecer ver uma espécie que ainda não conhece, confirme no mapa de distribuição para ver se ela ocorre nessa época do ano!

Se forem tidos em atenção estes três aspectos (prospec-  
tar diferentes *habitats*, visitar diferentes regiões e procurar em  
diferentes épocas do ano), é possível ambicionar ver as 294 espé-  
cies apresentadas na secção principal deste guia.

No que se refere às raridades, o seu aparecimento é mais  
incerto e, por vezes, imprevisível. Nesses casos, a estratégia para  
as observar passa por acompanhar as *mailing lists* e os grupos  
de discussão onde os observadores que se interessam por rari-  
dades partilham os mais recentes avistamentos. No anexo situado  
no final deste livro é fornecida mais informação sobre este  
aspecto.





# Abetarda

*Otis tarda*



Fêmea

**C. 75-105 CM**

**ENV. 190-260 CM**

**RESIDENTE**

**POUCO COMUM**



Macho nupcial © A. Carmo

## IDENTIFICAÇÃO

Enorme, é a ave mais pesada da Europa. A sua plumagem é castanha e o pescoço é acinzentado. Existe uma grande diferença de tamanho entre os sexos, sendo a fêmea notoriamente mais pequena que o macho. Em voo, nota-se uma enorme risca branca nas asas. A parada nupcial é muito característica, com os machos a formarem grupos e a apresentarem a plumagem arrufada.

## HABITAT E DISTRIBUIÇÃO

A abetarda ocupa grandes extensões abertas em planície, geralmente sem árvores. A maioria da população concentra-se na região de Castro Verde, havendo núcleos menores noutras locais do interior alentejano. Durante o Verão observa-se esporadicamente noutras regiões do país.



# Gaivota-parda

*Larus canus*



Adulto Inverno

**C. 40-42 CM**

**ENV. 110-130 CM**

**INVERNANTE**

**ESCALSA**



Adulto nupcial



2º Inverno

## IDENTIFICAÇÃO

Esta é uma gaivota de tamanho médio, sendo um pouco maior que um guincho. Os adultos são cinzentos por cima e têm a ponta das asas pretas. A cabeça e as partes inferiores são brancas, o bico e as patas são esverdeados. As aves de primeiro Inverno identificam-se pelas patas rosadas, pelas terciárias com uma orla branca larga e pelo painel cinzento nas asas.

## HABITAT E DISTRIBUIÇÃO

Surge essencialmente ao longo da orla costeira, podendo ser vista em praias, portos de pesca e zonas húmidas. O seu aparecimento é um pouco mais regular a norte que a sul.







# Pardela-de-barrete

*Ardenna gravis*



**C. 40-51 CM**

**ENV. 94-109 CM**

**MIGRADORA**

**DE PASSAGEM**

**POUCO COMUM**



## IDENTIFICAÇÃO

Esta pardela tem uma dimensão relativamente grande, sendo apenas um pouco mais pequena que a cagarra. Pode ser identificada pelo bico preto bastante fino e pelo barrete preto, que contrasta com a garganta e o peito, que são brancos. As partes superiores são escuras.

## HABITAT E DISTRIBUIÇÃO

Sendo uma espécie que se movimenta muito ao largo, é vista poucas vezes a partir da costa. O contacto com esta espécie é mais fácil em saídas pelágicas, efectuadas em alto mar, onde pode ter um comportamento bastante confiante.





Pardela-preta  
*Ardenna grisea*

# Águia-imperial

*Aquila adalberti*



Adulto © A. Carmo

**C. 78-82 CM**

**ENV. 180-210 CM**

**RESIDENTE**

**ESCASSA**



Imaturo © P. Nicolau



Imaturo © P. Nicolau

## IDENTIFICAÇÃO

Esta é uma ave de rapina de grande porte, com uma plumagem que varia bastante, consoante a idade. O juvenil tem uma plumagem castanho-ocre, com o bordo posterior das asas escuro, mas o adulto é castanho-escuro, apresentando uma mancha branca nos ombros, de dimensão muito variável.

## HABITAT E DISTRIBUIÇÃO

Vive em grandes planícies com árvores esparsas e constrói o seu ninho em árvores de grande dimensão. Embora seja escassa, encontra-se em franca expansão. É mais frequente no Baixo Alentejo, havendo também um pequeno número de aves no resto do interior alentejano e na Beira Baixa.







# RARIDADES

Gonçalo Elias e José Frade

# AVES DE PORTUGAL CONTINENTAL

Guia Fotográfico




Este livro é, no essencial, um guia de identificação que tem por objectivo ajudar os leitores a fazer o correcto reconhecimento das várias espécies de aves que ocorrem no nosso país.

Em Portugal Continental, já foram registadas 466 espécies de aves selvagens, das quais 294 são regulares e as outras 172 são raras.

As 294 espécies de aves de ocorrência regular compõem a parte mais importante deste livro. Aqui encontrará três fotos de cada espécie, um mapa de distribuição para cada uma e um texto explicativo com vários dados sobre a ave em questão, incluindo os biométricos. Com mais de mil fotografias, a grande maioria de José Frade, este é um guia obrigatório para todos os que se interessam pelo maravilhoso mundo das aves.



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

 penguinlivros.pt  
 penguinlivros  
 penguinbemestar

ISBN 9789897846052



9 789897 846052 >